

II.10.7. Revisão do Estudo de Análise de Riscos

Os resultados dos cálculos do Risco Ambiental e do Índice de Significância obtidos para as Fases de Instalação e Desinstalação do empreendimento evidenciam que, em ambos os casos, os riscos ficaram na **Região Insignificante** ($IS \leq 10\%$). Sendo assim, o **Risco Ambiental do projeto de Revitalização de Marlim e Voador, abrangendo o FPSO-1 e o FPSO-2** foi classificado como **plenamente aceitável** frente ao critério adotado para estas fases.

Para a Fase de Operação, o Índice de Significância do CVA de Mamíferos Marinhos – Grandes Cetáceos encontra-se na região ALARP (As Low As Reasonably Practicable) – $10\% < IS \leq 20\%$, o que também classifica o Risco Ambiental da Fase de Operação como plenamente aceitável. Para tanto, são propostas as medidas constantes na tabela II.10.8.6.2-2 – Medidas preventivas e mitigadoras das causas primárias principais relacionadas às hipóteses acidentais de vazamentos no mar – Fase de Operação, apresentada no capítulo II.10.8 do EIA.

Apesar dos valores de Índice de Significância para o CVA – Grandes Cetáceos estar na região ALARP pode-se considerar estes valores bastante conservativos pelas seguintes razões:

- Este CVA na região ALARP é difuso e possui grande capacidade de mobilidade, podendo em situações reais se afastar da presença de óleo;
- Por se tratar de uma hipótese de vazamento de pequeno porte (até 8 m³), os recursos de emergência disponíveis podem realizar um combate e controle da emergência de forma bastante efetiva;
- Análise de diferentes acidentes com óleo, demonstrou que, na presença de um vazamento e uma vez atingidos, a probabilidade de morte dos cetáceos é baixa (0,1%) (ver Item II.10.4, French-McCay, 2009), há também evidências de que a taxa de crescimento populacional deste grupo tem aumentado e que devido ao comportamento migratório, à capacidade de deslocamento à alta velocidade dentre outras características, permitem a fuga destes

organismos dos locais onde há presença de óleo. É importante ressaltar que, de acordo com ICMBIO, 2011, há poucas evidências sobre o real impacto dos vazamentos de óleo sobre os cetáceos.